

# Ésquilo e o seu Mundo Rural

Ana Lúvia Bomfim Vieira

## Résumé

*Dans cet article, nous voudrions démontrer la présence de l'espace rural dans les tragédies d'Eschyle.*

O espaço rural tem um significativo lugar na vida do ateniense e da *pólis* como um todo. A agricultura é, ainda no século V a.C., a base econômica de Atenas.<sup>1</sup> Esse destaque pode ser percebido nos textos antigos, que não apenas reiteram os valores da *khóra*, como ressaltam o apego do camponês à sua terra. Sobre esse aspecto podemos citar Tucídides, no momento em que este historiador refere-se à saída de parte do campesinato do espaço rural para a *ásty*, no início da Guerra do Peloponeso:

*"Depois de ouvir as palavras de Péricles, os atenienses, já persuadidos, começaram a trazer do campo (ἐχ τῶν ἀγρῶν) seus filhos, suas mulheres e todos os seus pertences; retiraram até o madeiramento das casas; os rebanhos e os animais de carga foram transportados para a Eubéia e para as ilhas vizinhas. Este deslocamento lhes pareceu penoso, pois os habitantes em sua maioria (τοὺς πολλοὺς) estavam habituados à vida do campo (ἐν τοῖς ἀγροῖς)." (TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso II, 14-17)*

O espaço rural fazia parte do território cívico, portanto, era preciso mantê-lo não só para a *pólis* ateniense como também para o cidadão, principalmente no que se refere aos valores morais. Estes valores tinham como procedência a vida e o trabalho dos campos (ARISTÓFANES. *As Nuvens* vv. 420-422).

O camponês e o espaço rural representam o que há de mais valoroso. E é isto que queremos mostrar, ou melhor, que, na primeira metade do século V a.C., Atenas é representada na documentação como sendo essencialmente rural, mais especificamente nas obras de Ésquilo. Contudo, a identificação deste fenômeno se dá não só por encontrarmos em suas obras referências ao campo em si, mas pela numerosa presença de refe-

rências ao saber camponês. O calendário agrícola ateniense, o qual regulava e organizava praticamente toda a vida social e cultural, pode ser definido como um tipo de conhecimento que chamamos de um saber camponês. Esse calendário foi construído através da observação dos sinais da *phýsis* e da verificação da sua aplicabilidade. Tais sinais, astronômicos, climáticos ou ambientais, marcavam para o camponês o momento certo para a realização de suas atividades de colheita, poda, sementeira, entre outras. Esse saber pode ser quase que completamente identificado em Hesíodo, na sua obra *Os Trabalhos e os Dias*. Hesíodo realizou um trabalho de codificação deste saber com datas sazonais de grande precisão.

O trabalho na *khóra* é digno e honesto. É a melhor maneira de o homem não passar fome e até mesmo enriquecer. E são estas características que vamos encontrar nas obras de Ésquilo, situadas na primeira metade do quinto século. Elas apresentam uma *pólis* marcadamente ruralizada na qual o saber camponês continua sendo utilizado no cotidiano. Este saber, e isto é importante de ser observado, continua integrando harmoniosamente a produção cultural dessa sociedade. Ao trazer o saber camponês para a *ásty*, Ésquilo está euforizando os valores aristocráticos, pois o conflito entre campo e cidade está mais presente do que nunca. A *phýsis* em Ésquilo está majoritariamente no campo. A mesma concepção de marcação de tempo presente em Hesíodo<sup>2</sup> encontra-se, também, em Ésquilo. Verifica-se nas peças deste último autor o quanto a marcação do tempo está relacionada com os sinais da natureza. Vejamos uma passagem para demonstrar esta relação:

*"(...) de tanto olhar o céu noite após noite agora sei reconhecer a multidão inumerável de estrelas, senhoras lícidas do firmamento etéreo, indicadoras dos invernos e verões em seu giro constante pela imensidão."* (ÉSKUILO. *Agamémnon* vv. 5-10)

Podemos perceber que os fenômenos astronômicos fazem parte deste saber apresentado também por Ésquilo, assim como foi por Hesíodo. As estrelas e constelações serviam de guia para o homem do século V a.C., assim como guiava, também, o homem do século VII a.C. Com o conhecimento deste saber camponês o espectador da peça de Ésquilo sabia que o momento que as Plêiades declinam, ou se põem, é o outono,<sup>3</sup> mais especificamente no mês *pyanepsión*. Ésquilo, na verdade, nada mais faz do que falar da maneira em que seria entendido, ou seja, marcando a passagem de tempo como os homens que o assistiam, tanto quanto ele mesmo, estavam acostumados a fazer. Não há outra forma de marcação de tempo nas obras de Ésquilo. Mas esse autor não nos fala apenas de fenô-

menos astronômicos. Na *phýsis* de Ésquilo, a fauna também tem seu lugar, além de sinais ambientais e climáticos utilizados pelo camponês para a realização das suas práticas.

É clara a intimidade do ateniense, que estava presente na platéia dessas peças, com os sinais da natureza. Ésquilo nos mostra isso colocando em suas peças o conhecimento, o saber do camponês, a consciência de que no verão o vinho é melhor consumido, que a presença de seiva nas raízes mostra que a planta ainda tem vida, que as chuvas são de suma relevância para o agricultor que precisa do sucesso de seu trabalho. Sua vida depende disso. O saber camponês presente em Ésquilo, portanto, deixa transparecer que este conhecimento está presente na *pólis* ateniense, que ele é o tipo de saber que melhor representa e que insere majoritariamente o corpo cívico na *khóra*. Esse conhecimento está vinculado, também, ao respeito aos deuses. Essa é outra característica da sociedade aristocrática de Hesíodo que vai estar presente na Atenas de Ésquilo. O camponês não poderia deixar de se guiar pela natureza se quisesse ter sucesso com suas práticas. Era fundamental estar atento aos sinais da *phýsis*. Contudo, mais importante ainda era realizar os rituais aos deuses. O homem do campo, para que sua produção não fosse prejudicada pela ira dos deuses, precisava render-lhes homenagens, oferendas, preces e agradecimentos. O mundo do camponês pertence aos deuses. A *pólis* ateniense pertence também aos deuses. E é isso que Ésquilo nos mostra. Em nossa análise podemos demonstrar estes dados através do seguinte verso:

*"Foi Zeus, que tudo faz e causa tudo!...Nada acontece a nós, mortais, sem Zeus. Que pode haver sem o querer divino?"* (ÉSQUILO. *Agamémnon* vv.1728-1730)

É pela vontade dos deuses que as colheitas abundam, os rebanhos reproduzem, e os rios dão peixes. O homem deve respeitar os sinais da natureza e as suas regras, como as sementeiras anuais, por exemplo. Ele deve, porém, colocar os deuses acima de tudo, pois é através das graças derramadas por eles que prosperam as atividades humanas. A não obediência aos ritos pode ser desastrosa:

*"Na noite de nossa chegada um deus mandou um rigoroso inverno antes do tempo certo, gelando inteiramente o Estrimon, rio sacro. Ali, alguns de nossos homens, descuidosos até então da reverência aos deuses pátrios, faziam promessas, adorando o céu e a terra."* (ÉSQUILO. *Os Persas* vv.658-664)

Ésquilo ainda nos informa mais sobre as relações entre os deuses e os homens e, principalmente, sobre os trabalhos nos campos, inclusive

mencionando as oferendas mais comuns nos rituais para o plantio, colheita, enfim, para os trabalhos nos campos: sacrifício de bois, vinho, mel, leite, etc (ÉSQUILO. *As Suplicantes* vv. 688-735; *Os Persas* vv. 792-799)

As obras de Ésquilo demonstram que a sociedade ateniense da primeira metade do século V a.C. estava mergulhada em um mundo rural, regulado essencialmente pelos deuses. A natureza, a *phýsis*, é alguma coisa que faz parte do cotidiano dos homens, dos camponeses, mas é algo também que eles não podem controlar ou conhecer completamente. Ela está no âmbito do divino, do que não é passível de ser desvendado ou compreendido em sua natureza pelos simples mortais. Os fenômenos da natureza, fossem eles climáticos, astronômicos ou ambientais, eram manifestações da vontade dos deuses e lembravam aos mortais a quem eles deveriam render homenagens.

Como apresentamos até aqui, Ésquilo, em suas obras, fala de uma Atenas ruralizada, temerosa dos deuses, lançando mão do saber camponês, saber esse presente e incorporado a essa sociedade pelo menos desde o século VII. Contudo, esse autor trágico enriquece ainda mais nossa argumentação com as figuras de linguagem por ele utilizadas. Estamos falando mais precisamente das metáforas que ele utiliza no decorrer de todas as suas peças e que vão remeter a uma imagem ruralizada do mundo e da vida. Essas metáforas vão estar sempre associadas a práticas e saberes provenientes da *khóra*. Como prova de demonstração, observemos o seguinte trecho:

*“Que soprem sobre esta cidade brisas calmas vindas da terra, do profundo mar, do céu, sob os raios propícios do brilhante sol! Que o solo rico e os rebanhos nunca deixem de dar prosperidade ao povo ateniense! Que a semente dos homens seja protegida! Que os descuidosos da veneração dos deuses sejam ceifados sem nenhuma piedade, pois como jardineiro sempre cuidadoso gosto de ver os mortais justos prosperarem como uma plantação livre de ervas daninhas.”* (ÉSQUILO. *Eumenides* vv. 1195-1205).

As passagens acima deixam transparecer que Ésquilo nos apresenta, através de suas metáforas, uma Atenas rural, onde a realidade campesina era comum e conhecida por todos. Uma Atenas aristocrática, com valores ligados à terra, onde os esquemas culturais estavam ligados à vida no campo. Ésquilo, como nos lembra Charles Seagal (1994: 196), está muito mais próximo da cultura oral do passado, aproximando-se, desta forma, muito mais da relação direta entre palavras e coisas, assim como do papel do poeta como porta-voz de valores ligados à comunidade. Esses valores apreendidos por Ésquilo -generosidade, coragem, atenção aos deuses — seriam

aqueles ligados ao espaço rural, aos valores dos *arístoi*. Através de suas metáforas podemos perceber a criação de uma imagem rural para Atenas. Seguindo J. Dumortier (1975: 1), encaramos essas metáforas como palavras entendidas como imagens. O referido autor menciona para corroborá-lo Aristóteles, o qual observa que a metáfora difere muito pouco da imagem (*Ibid.* 1975: 1).

A sociedade de Êsquilo compartilha aspectos e preocupações com a de Hesíodo. Tanto uma como outra valorizam o campo como lugar de bem viver. As duas euforizam a agricultura como trabalho digno e fundamental para a sobrevivência da *pólis*:

*"(...) emaranhei-o numa rede indestrutível igual às manejadas pelos pescadores (...)"* (ÊSQUILO. *Agamémnon* v.1527)

*"(...) como se seus adversários fossem atuns ou peixes outros, golpeavam, matabam a pancadas com restos de remos."* (*Ibid.* *Os Persas* vv.554-556)

Êsquilo utiliza-se das metáforas relativas ao campo e das referências ao saber camponês em si não só para mostrar a relevância da agricultura, mas, também, a do espaço rural como um todo, haja vista a menção à pesca com uma analogia às redes utilizadas pelos pescadores e à forma de abate de um peixe. Sem dúvida estão presentes nesse autor todos os valores ligados à *khóra*, à terra, essa como aquela que nutre, que alimenta. As contínuas referências a atividades e paisagens rurais mostram o quanto sua obra estava imbuída desta imagem rural e da importância desta imagem para a vida social ateniense.

A terra é o bem mais valioso, a mãe geradora, a riqueza dos camponeses, a formadora dos cidadãos. É da terra que o homem de bem deve retirar o seu sustento e os seus valores morais. É no campo que o cidadão se forma, ou melhor, é através dos valores rurais que o ateniense se completa, se constitui, se transforma em um homem valoroso e digno de sua *pólis*. Estes valores ligados à terra são os valores aristocráticos dos bem nascidos. E o melhor saber para representá-lo é o do camponês, já que ele está ligado, eminentemente, à terra, ao espaço rural. E esse saber fazia parte do cotidiano dos homens, era por todos conhecido. Podemos afirmar isso levando em conta o papel do teatro neste século V a.C.

O teatro era um espaço de discussão dos problemas e realidades dessa sociedade. A tragédia não poderia apresentar algo que não fosse conhecido de quem a assistisse (VERNANT e VIDAL-NAQUET, 1988: 21). Ela contribuiu inclusive para a construção de identidade entre os cidadãos. A tragédia une os atenienses em torno das instituições democráticas

(SEAGAL, 1994: 195). Ela tem a função de questionar a sociedade (VERNANT e VIDAL-NAQUET, 1988: 23), e Ésquilo, como um homem de seu tempo, apresentou uma Atenas ruralizada, com valores aristocráticos, revelando com isso um conflito já existente entre campo e cidade, a respeito do qual o autor se posiciona ao lado da *khóra* e de seus valores e saberes.

### **Documentação textual**

ARISTOPHANE. *Les Guêpes — La Paix*. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

\_\_\_\_\_. *Les Oiseaux*. Paris: Les Belles Lettres, 1977.

\_\_\_\_\_. *Les Acharniens*. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

\_\_\_\_\_. *Les Nuées*. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

AESCHYLUS. *Suppliant Maidens, Persians, Prometheus, Seven Against Thebes*. v. 1. London: Loeb, 1996.

\_\_\_\_\_. *Agamemnon, Libation-Bearers, Eumenides, Fragments*. London: Loeb, v. II, 1995.

THUCYDIDE. *Histoire de la Guerre du Peloponèse*. Paris: Belles Lettres, 1944.

### **Bibliografia**

BORGEAUD, Ph. "O Rústico." In: VERNANT, J.-P. (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

BRUMFIELD, A. C. *The Attic Festivals of Demeter and their Relation to the Agricultural Year*. New Hampshire: Arno Press, 1981.

BRUNET, M. "Campagnes de la Grèce Antique les Dangers du Prisme Athénien." In: *TOPOI*: 2, 1992.

BRUNET, M., BERTRAND, J. *Les Athéniens*. Paris: Armand Colin, 1993.

CHEVITARESE, A. L. "A Questão Fundiária e a Conjuntura Ateniense." In: *PHOÏNIX*:1: 29-37, 1995.

\_\_\_\_\_. "A Pesca na Pólis Ateniense no Período Clássico." In: *PHOÏNIX*: 2: 57-69, 1996.

DUMORTIER, J. *Les Images dans la Poésie d'Eschyle*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

FINLEY, M. I. *A Economia Antiga*. Porto: Afrontamento, 1986.

- \_\_\_\_\_. *Os Gregos Antigos*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- GARNSEY, P. *Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- GUTZWILLER, K. J. *Theocritus's Pastoral Analogies: The Formation of a Genre*. London: The University of Wisconsin Press, 1991.
- SEGAL, C. "O Ouvinte e o Espectador." In: VERNANT, J.-P. (org). *O Homem Grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- VERNANT, J.-P., VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. 2 v. São Paulo: Brasiliense, 1988/1991.

### Notas

<sup>1</sup> Sobre este ponto, concordamos com M. I. Finley. Consideramos a agricultura como a base econômica de Atenas, apesar de incorporarmos as críticas feitas a este historiador a respeito da sua subvalorização do comércio. Este último teve um papel fundamental nas mudanças ocorridas no quinto século. Ver: FINLEY, 1989: 106; 1986: 134, 171, 182.

<sup>2</sup> Ver: HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias* vv. 449-452, 479-493, 504-508, entre outros.

<sup>3</sup> ÉSQUILO. *Op. Cit.* vv. 928-929.